

Portuários iniciam greve nos Estados Unidos

DA REDAÇÃO

Trabalhadores portuários paralisaram ontem 36 portos nos Estados Unidos. As instalações, situadas entre o Maine e o Texas, movimentam 57% dos contêineres do país — em torno de US\$ 3 trilhões por ano. É a maior greve da categoria nos EUA desde a década de 1970.

Especialistas ouvidos por A Tribuna afirmam que o comércio exterior brasileiro pode ser afetado no longo prazo pela mobilização, que tem como alvo impasses nas negociações salariais e impactos da automação das operações no setor. Contudo, para os próximos dias e semanas, não são esperados prejuízos ao Porto de Santos provocados pelo movimento grevista.

Nos primeiros seis meses do ano, o Brasil exportou US\$ 19,2 bilhões aos Estados Unidos, um recorde e 12% maior que o de igual período de 2023. Já nas importações, houve ligeira queda, de 1%, o que corresponde a US\$ 194 milhões.

O especialista em Comércio Exterior e diretor de Relações Institucionais da AGL Cargo, Jackson Campos, explicou que “todos os produtos importados e exportados do Brasil serão afetados, mesmo os que não são oriundos dos EUA, já



Estivadores em greve fazem piquete fora de terminal na Filadélfia

que navios devem atrasar e contêineres ficarão parados. O Brasil exporta madeira e commodities para lá e importa muitas peças de veículos e medicamentos”.

Campos disse que atrasos podem gerar custos extras, de armazenagem e demurrage, além de falta de produtos no mercado interno. Por outro lado, ele entende que o Porto de Santos não deve ser afetado “no curto prazo”.

INTERRUPÇÃO DO FLUXO

A professora de Comércio Exterior, Logística, Gestão Portuária e Relações Internacionais da Esamc, Gisele Souza, avalia que “a interrupção do fluxo de produtos, desde alimentos até automóveis, causará atrasos nas entregas e escassez em diversos mercados, mas o impacto não será imediato, pois o caos logístico será determinado pelo número de navios e pelo tempo que fica-

rão parados nos portos”.

Gisele destacou que os produtos importados dos EUA devem encarecer. Além disso, os atrasos no envio dos itens nacionais podem provocar perdas de negócios às empresas brasileiras. A especialista teme “escassez de contêineres nos portos americanos, o que dificultará o transporte de produtos brasileiros aos EUA, podendo gerar congestionamentos nos portos daqui. Entendo ser o maior problema, pois retornaremos ao caos logístico da pandemia, quando não havia contêineres vazios para exportação presos nos navios parados no porto”.

Para Gisele, o Porto de Santos pode se tornar um destino alternativo, mas faz um alerta. “O aumento da demanda por serviços portuários pode sobrecarregar a infraestrutura e os recursos do porto, gerando atrasos nas operações e aumento de custos aos usuários. (...) A escassez de contêineres nos portos americanos pode gerar maior demanda em Santos, elevando os custos de locação. A escassez de contêineres levará a uma concorrência desleal de fretes pelos operadores logísticos, tal qual ocorreu na pandemia”. (BF)

SEM IMPACTO IMEDIATO

Os dois especialistas em Comércio Exterior ouvidos por A Tribuna, Jackson Campos e Gisele Souza, não veem um impacto imediato nas operações no Porto de Santos devido ao movimento grevista nos Estados Unidos. Mas, eles fazem um alerta que a situação pode mudar se o impasse se prolongar por semanas. “A escassez de contêineres nos portos americanos pode gerar maior demanda em Santos, elevando os custos de locação. A escassez de contêineres levará a uma concorrência desleal de fretes pelos operadores logísticos, tal qual ocorreu na pandemia”, exemplifica Gisele.